

EM FOCO



► **"APESAR DISSO**, somos das associações que têm mais participação dos estudantes e a AAC é uma das estruturas mais ecléticas e que movimenta dos maiores números de atletas através das suas secções desportivas", considera o presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra.

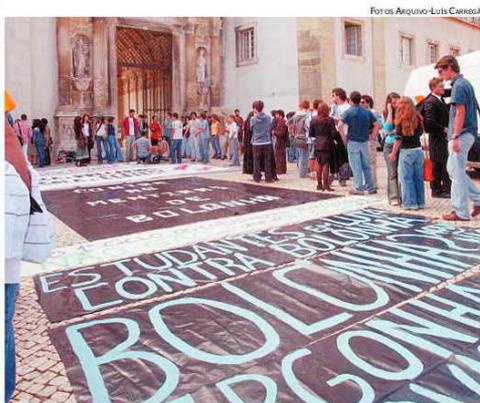


Foto: os Arquêo-Luis Cassola



COIMBRA

Estudo revela divórcio entre universitários e activistas associativos

Setenta por cento dos estudantes da universidade inquiridos no âmbito de um estudo recente revelam nunca ter ido a uma manifestação estudantil.

► **Maria do Céu Sérgio (*)**

Ao serem questionados no âmbito de um estudo abrangente, a que a agência Lusa teve acesso, acerca das práticas e atitudes dos

estudantes da Universidade de Coimbra - sobre a regularidade com que participaram em diversas actividades associativas e manifestações públicas ao longo de 2004, 66,5 por cento dos alunos inquiridos disseram nunca ter ido a uma assembleia magna e 69,8 por cento admitiram não ter participado em nenhuma manifestação estudantil.

No estudo, do sociólogo Elísio Estanque e do historiador Rui Bebbiano, abrangendo cerca de 15 por cento da população

estudantil da mais antiga universidade portuguesa, 71 por cento dos alunos responderam que, no ano anterior ao inquérito, nunca se integraram em qualquer outro tipo de manifestação pública.

Quanto à participação em reuniões dos núcleos existentes nas faculdades ou dos cursos, mais de metade dos estudantes (54,2 por cento) responderam nunca ter estado presente nessas iniciativas.

Ao interpretar estes dados, Rui Bebbiano considera que

revelam "o desinteresse dos estudantes pelas questões cívicas" e o acentuar do individualismo, enquanto Elísio Estanque sublinha que evidenciam "um relativo divórcio entre a massa estudantil e os activistas".

"É a lógica da massificação da Universidade. Há uma certa dinâmica do anonimato e do individualismo, em que se vive a Universidade apenas em alguns momentos e em certos rituais, como a Queima das Fitas ou a Latada", adiantou Elísio Estanque à agência Lusa.

Na opinião sobre a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (AAC), embora 39,8 por cento admitam que a estrutura "representa e defende os interesses dos estudantes", cerca de metade dos alunos (49 por cento) concordam que se trata de "um organismo elitista que promove o acesso à política".

Longe das lideranças

"Nota-se, nos estudantes, uma tendência para se demarcarem das lideranças: o repre-

sentante, que é eleito, não está ali para defender os interesses da colectividade mais vasta, mas para afirmar o seu protagonismo e fazer carreira à custa disso", observou Elísio Estanque.

Na perspectiva do professor da Faculdade de Economia da UC, verifica-se "uma lógica de fechamento, que não é visível no discurso", com um funcionamento em que as práticas são centradas no pequeno grupo.

"Os activistas promovem ini-

► A CULPA É DA SOCIEDADE... INDIVIDUALISTA

O presidente da Associação Académica de Coimbra (AAC) admitiu ontem o défice de participação estudantil em manifestações e actividades cívicas e associativas, atribuindo grande parte da responsabilidade a uma sociedade que prima pelo individualismo e competitividade.

"Não será tanto um problema da Associação, mas da sociedade que, ao pautar-se pelo individualismo e pela competitividade, afasta os estudantes do que devia ser um trabalho colectivo e solidário", disse Paulo Fernandes à agência Lusa.

O presidente da Direcção-Geral (DG) da AAC destacou também o "contexto cada vez mais difícil" do ensino superior e as próprias dificuldades económicas dos estudantes e das famílias, que levam

a que os alunos se concentrem em completar o curso o mais depressa possível, afastando-os da vida académica e cívica.

"Apesar disso, somos das associações que têm mais participação dos estudantes e a AAC é uma das estruturas mais ecléticas e que movimenta dos maiores números de atletas através das suas secções desportivas", salientou. Neste contexto, Paulo Fernandes chamou também a atenção para o trabalho realizado nas secções culturais e nos organismos autónomos da AAC ou na direcção dos núcleos das faculdades.

Um estudo recente sobre os alunos da Universidade de Coimbra, desenvolvido no Centro de Estudos Sociais pelo sociólogo Elísio Estanque e pelo historiador Rui Bebbiano, evidencia que cerca de

setenta por cento dos inquiridos não participaram, no ano anterior ao inquérito (2004), em qualquer manifestação estudantil nem em nenhuma assembleia magna.

"A situação não é o que pretendíamos que fosse mas, em Coimbra, encontram-se os estudantes mais mobilizados, activos e conscientes a nível nacional", sustentou o presidente da DG-AAC, sublinhando que Coimbra "continua a ser um pólo de discussão e intervenção cívica por parte dos estudantes, junto da cidade e do país".

"Devemos procurar motivar e consciencializar as pessoas sobre aquilo que se passa, mas é um processo que não se faz de um dia para o outro", admitiu ainda o dirigente estudantil.

Sobre o desligamento entre diri-

gentes e a massa estudantil, o presidente da DG-AAC vincou que a estrutura pugna por se aproximar dos estudantes, através da presença nas faculdades, da divulgação de informação, do contacto com os alunos e do empenho em resolver os seus problemas. Paulo Fernandes rebateu ainda a concordância de 49 por cento dos alunos da Universidade de Coimbra com o carácter alegadamente elitista da DG-AAC, frisando que, diariamente, é promovida a participação cívica "de todos os estudantes, independentemente da classe social".

"Muitos dos estudantes passam aqui dias e noites, a trabalhar de forma voluntária", afirmou o presidente da DG-AAC, que tomou posse do cargo em Janeiro deste ano.



PAULO FERNANDES sublinha o trabalho realizado nas secções



► **DESENVOLVIDO** no Centro de Estudos Sociais da UC e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, o projecto “Culturas Juvenis e Participação Cívica: diferença, indiferença e novos desafios democráticos” privilegiou uma abordagem histórico-sociológica, tratando o movimento estudantil dos anos 60 e fazendo uma caracterização sociológica da comunidade estudantil actual, recorrendo a um inquérito representativo de todas as faculdades da UC.



ciativas, mas aparecem poucos estudantes. Tendem, então, a atirar a responsabilidade para o lado de fora: os líderes não entendem que eles é que têm de criar condições para envolver todos”, adiantou.

Ao explicar o desligamento entre o corpo estudantil e a vida da cidade, os autores do estudo observam, no seu relatório final, que a intensa mobilidade dos estudantes, oriundos sobretudo da região Centro, faz com que permaneçam em Coimbra apenas três ou quatro dias, tempo que acaba por ser preenchido sobretudo com as actividades lectivas.

Numa análise mais ampla, os investigadores explicam as dificuldades na mobilização e na participação cívica com condições sociais e políticas mais gerais, nomeadamente, a crise económica, o desemprego, as dificuldades no acesso ao mercado de trabalho, o crescente desinteresse dos cidadãos em relação à política, os novos hábitos de consumo e lazer ou as novas tecnologias da informação.

Desenvolvido no Centro de Estudos Sociais da UC e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, o projecto “Culturas Juvenis e Participação Cívica: diferença, indiferença e novos desafios democráticos” privilegiou uma abordagem histórico-sociológica, tratando o movimento estudantil dos anos 60 e fazendo uma caracterização sociológica da comunidade estudantil actual, recorrendo a um inquérito representativo de todas as faculdades da UC.

Alunos não lêem jornais

Entre outras vertentes, este inquérito evidenciou também que perto de 33 por cento dos inquiridos raramente ou nunca lêem jornais e, no ano anterior ao inquérito, 18,3 por cento não

leram qualquer livro fora do âmbito escolar.

Nas atitudes face à praxe académica, perante um conjunto de oito afirmações em que os estudantes eram chamados a escolher apenas três, a mais assinalada (71,8 por cento) é a de que “deve ser facultativa e respeitar quem não quiser aderir”, seguindo-se a asserção de que “deve repudiar qualquer forma de violência física ou simbólica” (escolhida por 67,3 por cento dos alu-

nos).

Neste quadro, a terceira afirmação mais assinalada (51,5 por cento) aponta para a revisão da praxe no sentido de receber melhor os novos alunos.

“A identidade do estudante universitário de Coimbra tal qual a concebemos durante séculos, através de um imaginário ligado a ícones como o Penedo da Saudade e ao Choupal, está claramente posta em causa com esta realidade”, considera Rui Bebia-

no, professor da Faculdade de Letras da UC.

Ao definir o perfil do que poderia ser o estudante-padrão actual da Universidade de Coimbra, uma das mais antigas a nível mundial e marca da por uma crescente feminização da sua comunidade de estudantil, Elisio Estanque é sumário: “Mulher, preocupada em estudar e fazer as cadeiras e arranjar um emprego”.

(*) Agência Lusa